

Sexualidade: de Freud à contemporaneidade^[1]

Maria Elizabeth Mori^[2]

RESUMO: Freud introduziu a psicosexualidade no debate filosófico, reprimida pelo platonismo, cristianismo e toda herança filosófica que separava a alma do corpo e colocava o corpo como um subalterno animal. O paradigma epistemológico de sua época tratava da diferença entre dois sexos, universalizando subjetividades a partir da anatomia. Críticas contemporâneas reconhecem essas limitações e apontam a necessidade de compreender a diversidade de gêneros e sexualidades. Movimentos feministas e a teoria queer desafiaram as normas estabelecidas, promovendo uma visão plural de sexualidades e gêneros. Destacam que a psicanálise não deve reificar papéis de gênero, mas reconhecê-los como variáveis e múltiplos. Nesse aspecto é essencial avançar e pensar o freudismo pós-desconstrução. A desconstrução é crucial para questionar estruturas rígidas e revelar a diversidade, afinal a diferença é o originário. Para Freud nada do psíquico é permanente. Todo o arranjo psíquico é temporário, transitório. Para compreender o sexual contemporâneo, é necessário abrir as janelas de nossos consultórios para que os acontecimentos do mundo atravessem a dupla analista-analisando, evitando muros que bloqueiem o fluxo dos saberes localizados e das perspectivas parciais e nos retirem de atitudes pautadas por uma arrogância epistemológica.

PALAVRAS-CHAVE: sexualidade, Freud, feminismo, desconstrução, saberes localizados

1. Grande parte deste trabalho foi apresentada em mesa homônima do Evento Preparatório para o Congresso da Febrapsi "Sexualidade: o tumulto das diferenças", realizado pela Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb) em 24 e 25 de maio de 2024.

Agradeço ao filósofo Moysés Pinto Neto pelas conversas filosóficas que tivemos, e à Diretoria Científica pelo convite para participar da mesa.

2. Psicóloga e psicanalista. Mestre e doutoranda em psicanálise e cultura. Psicanalista da SPBsb.

Acredito que os eventos que antecedem os nossos congressos brasileiros de psicanálise são essenciais para estimular nossos pensamentos, nos colocando em contato antecipado com o tema “o sexual” a partir de Freud. Uma bela comemoração de 100 anos do artigo “Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos” (1925/2011). Passados muitos anos de prática clínica e elaboração teórica, e com o aumento de colaboradores, Freud (1925/2011) vê-se justificado para comunicar “alguns resultados da pesquisa psicanalítica, resultados muito importantes, se demonstrarem ser universalmente válidos” (p. 284).

O título deste evento, “Sexualidade: o tumulto das diferenças”, traz a palavra “tumulto” como um elo entre a sexualidade e as diferenças. Pensar sobre o *tumulto* como algo que rodeia a sexualidade, desde Freud até a atualidade, parece-me pertinente. Estudar, portanto, aquele texto pode nos ajudar a pensar sobre o que hoje demanda um novo olhar. Seguir, então, desenvolvendo a teoria psicanalítica, no diálogo com outros campos do conhecimento.

Curiosamente, segundo os dicionários de língua portuguesa, *tumulto* é uma manifestação barulhenta e explosão de rebeldia. Como sinônimos, encontramos: assuada (conjunto de pessoas armadas para fazer desordem, luta, arruaça, motim), confusão, movimentação, rebelião, alarido (grito de guerra, ruído de vozes, falatório, algazarra, gritaria), azáfama (grande pressa e ardor na execução de um serviço, grande atividade e confusão; atropelo, atrapalhão), babel e balbúrdia. E, como antônimos de *tumulto*, as palavras: calma, discricção, mudez, paz, quietude, remanso, repouso, serenidade, silêncio, sossego, tranquilidade, arrumação, coordenação, desconfusão, disciplina, método, ordem, ordenação, organização e preceito.

São palavras que trazem uma ambiguidade e, a depender do contexto em que são proferidas, podem ser interpretadas como algo fora ou dentro da ordem do sentido, inadequado ou adequado, inserido ou não circunstancialmente na questão em análise. Promover ou apoiar o *tumulto* pode ser um ato necessário, causando a sensação de alívio ou incômodo. Hoje, a sexualidade está imersa nesse campo semântico. E desde sempre.

Refiro-me ao final do século XIX, quando Freud enfrentou e tumultuou o pensamento moderno ao introduzir o conceito de inconsciente em sua clínica, buscando conferir-lhe status científico. Explorou os afetos e desafetos vivenciados por ele, por suas pacientes (principalmente mulheres) e pela cultura de sua época, direcionando seu olhar para a sexualidade humana, desenvolvendo seu pensamento. Diferentemente de um sexólogo, Freud desafiou o saber médico de seu tempo, sendo frequentemente rejeitado pelos seus pares ao afirmar que a sexualidade é infantil, definindo-a como polimorfa, perversa e bissexual.

Assim, vejo com bons olhos a ideia do *tumulto* contemporâneo. E escolho ficar com a seguinte acepção: trata-se de um momento de rebeldia, gritaria e movimentação em relação às possibilidades de viver a sexualidade na contemporaneidade, nas diferenças que a envolvem ou das quais se origina, singularmente. Nada tão

psicanalítico! Vejo como necessário o debate para sair de alguns não-ditos em relação à teoria pulsional freudiana, principalmente pela sua proposta de universalização. Existiriam ideias que hoje requerem mudanças de termos para defini-las, evitando alguns “maneirismos psicanalíticos”? Alguns conceitos pedem revisão devido às mudanças culturais de nossa época?

Michel Foucault (1926-1984) aborda a sexualidade a partir de uma perspectiva histórica e crítica. Ele apresentará que, ao contrário do que se costuma pensar, a repressão sexual não é uma constante na história da humanidade. Para ele a sexualidade é um dispositivo de poder que visa normatizar e regular comportamentos. Daí ser necessário descrever como a sexualidade foi transformada em objeto de análise e controle através de discursos e práticas sociais (Foucault, 1976/2020).

Thomas Laqueur (1990/2001) descreve a passagem histórica do sexo único para o regime da diferença sexual em dois sexos. A carne única, em vigor da antiguidade grega à modernidade, pensava que os dois gêneros, masculino e feminino, correspondiam a um único sexo. Entretanto, um sexo único não correspondia a uma simetria ou igualdade dos corpos femininos e masculinos. O corpo masculino era considerado como o modelo perfeito, enquanto o feminino era sua versão invertida e imperfeita, com os mesmos órgãos, mas em lugares errados. O gênero, que mais tarde foi considerado categoria cultural, era tido como algo da ordem do natural. Ser mulher ou ser homem significava assumir um papel social, e não ser organicamente de um ou outro de dois sexos.

A sexualidade, especialmente a partir dos séculos XVII e XVIII, segundo Foucault (1976/2020), transforma-se em um campo estratégico de conhecimento e poder, no qual instituições como a medicina e a pedagogia desempenham papéis cruciais. Os corpos são então compreendidos com base na epistemologia da diferença sexual, que estabelece uma diferença irreduzível, binária e hierárquica entre dois sexos: estáveis, incomensuráveis, opostos e complementares. Foi com as exigências de igualdade de direitos dos cidadãos, criadas pela Revolução Francesa, que a hierarquia do homem sobre a mulher foi colocada em questão – lembrando que os binarismos sempre são compostos por dois polos assimétricos, em que um é uma coisa e outro é o não-um.

No século XIX, enquanto a cultura ocidental mantinha seu puritanismo para tratar da sexualidade na vida pública, a ciência médica a estabelece como seu novo objeto de estudo e cuidado. Essa disciplina, a sexologia, articulou a sexualidade à subjetividade e colocou o sexo como fenômeno dado, no regime do normal e do patológico. A heterossexualidade e a sexualidade reprodutiva foram colocadas como norma, enquanto a homossexualidade e as práticas sexuais não reprodutivas foram posicionadas como desvios, patologias e perversões.

Para Foucault (1976/2020), o controle sobre os corpos e os processos biológicos da vida (natalidade, mortalidade, saúde e longevidade), com novas tecnologias e procedimentos de poder centrados na qualidade de vida e na saúde, se estabelece. A categorização de comportamentos, por meio de diagnósticos médicos, estigmatizou e angustiou os “doentes” e os anormais-desviantes.

O binarismo sexual, juntamente com a heterossexualidade compulsória como norma e com suas hierarquias estabelecidas entre os gêneros, entrou em crise. Mais precisamente, isso ocorreu quando os movimentos de mulheres passaram a interpe-lar a sociedade sobre os seus direitos, em comparação aos direitos dos homens. As mulheres começaram a se organizar ao longo da história de diversas maneiras e em diversos momentos, com conquistas e retrocessos a partir de suas reivindicações. Costuma-se chamar de “ondas” os movimentos feministas organizados, nos quais determinadas pautas e questões se insurgiram e dominaram o debate na sociedade.

Mariana Pombo (2021) descreve como o movimento feminista, em suas diferentes ondas, desconstruiu o lugar da sexualidade na contemporaneidade. A primeira onda feminista é o conjunto das manifestações que ocorreram entre o final do século XVIII e o início do século XIX. São fases ainda iniciais, em que as mulheres estavam lutando pelos direitos mais básicos. Uma grande conquista das sufragistas foi alcançar o direito ao voto.

Nesse campo biopolítico da medicina moderna, surge a psicanálise como mais um dispositivo moderno de sexualidade. Para Foucault (1976/2020), a psicanálise foi a única que operou uma ruptura importante com o grande sistema “perversão-hereditariedade-degenerescência” ao valorizar a pulsão sexual e ao se afastar da interpretação proposta de que a perversão seria sinal inato de degeneração nervosa. Para ele, a psicanálise freudiana rompeu com a medicalização e com a moralização do sexo empreendidas pelos saberes científicos da época em que foi criada.

Ainda para Foucault (1976/2020), a teoria freudiana ora explora criticamente os efeitos adoecedores do paradigma da diferença sexual sobre os sujeitos, sobretudo as mulheres, ora reforça de maneira acrítica o mesmo paradigma, constituindo o solo que impulsiona a criação da sua teoria sobre a sexualidade, com a primazia do falo e o uso de expressões e palavras que marcavam fortemente o patriarcado de sua época.

Freud (1905/1996) afirmará que toda criança seria capaz de experimentar o prazer de múltiplas formas, em diversas zonas do corpo e com múltiplos objetos. Ele introduziu o conceito de psicosssexualidade, desenvolvendo uma construção original do humano e do nosso desenvolvimento a partir do conceito de pulsão. Para Freud, somos fruto das combinações, variações, interações e transformações da nossa sexualidade infantil. Ele abriu um espectro de possibilidades para pensar a sexualidade humana interagindo com essa psicosssexualidade. O conceito de bissexualidade foi formulado para indicar a disposição bissexual dos seres humanos. Em análise, os pacientes (homens e mulheres) precisariam desenvolver, integrar o masculino e o feminino. Freud, atento aos fenômenos sociais que constituem a vida sexual humana, nos deixou, clínicos da psicanálise, navegando nas águas calmas de nossa teoria pulsional.

Segundo Pombo (2021), a segunda onda do movimento feminista ocorreu nas décadas de 1960 e 1970, ligada às revoltas antiautoritárias da época, tanto do movimento feminista quanto dos movimentos de gays e lésbicas que lutavam para serem aceitos no modelo de sociedade existente. Organizou-se para combater a desigualdade de gênero e o patriarcado. Essa fase difere da primeira, conhecida como “feminismo da igualdade”,

cujo objetivo era equiparar os direitos entre homens e mulheres, como os direitos sociais, políticos, de cidadania, voto, educação, trabalho, entre outros fundamentais. A segunda onda é denominada de “feminismo de diferença” e foca em questões mais específicas das mulheres, especialmente as ligadas ao corpo: saúde reprodutiva, liberdade sexual e, em alguns países, a legalização do aborto. A disseminação da pílula anticoncepcional acompanhou a ideia de que as mulheres devem ter o direito de controlar o momento e o desejo de ter filhos. Temas como reprodução, erotismo e maternidade ganharam destaque durante essa segunda onda feminista.

Pombo (2021) apresenta como a psicanálise recebeu as primeiras críticas do movimento feminista, em meio ao qual estavam algumas psicanalistas. Cita a psicanalista francesa Luce Irigaray, ainda viva, com mais de 90 anos hoje, que se identifica com esse feminismo das diferenças. Sua crítica volta-se para o modo como a psicanálise pensa a diferença sexual, a diferença entre os sexos feminino e masculino, e questiona principalmente a maneira como o feminino e a feminilidade são pensados na teoria psicanalítica. Irigaray criticará termos usados por Freud, como “inveja do pênis”, e a “associação do feminino ao masoquismo e à passividade”, assim como a “maternidade como um destino valorizado”. Critica também Lacan, pelas formulações: “a mulher não existe”, “a mulher não toda”, “a mulher que não sabe nada sobre o seu gozo”, enfim, quando “a mulher é colocada num lugar de não sexo, num lugar de não sujeito”. Critica, principalmente, a hierarquia que coloca o masculino como universal e o feminino como o outro do masculino, além de a diferença sexual ser pensada e estar relacionada com o falo, a única referência para pensar o feminino e o masculino. Para a psicanalista, a mulher deve ser pensada de uma outra maneira, em uma outra posição na estrutura. Para ela, não se trata de pensar o psiquismo da mulher em uma posição igual à do homem, e sim na diferença não hierarquizada.

A matriz do pensamento de Freud, tanto no sentido de produzir uma ciência quanto em relação à sociedade sobre a qual ele se debruçava, é marcada por um certo tempo e um certo espaço. No entanto, essas matrizes foram tratadas como medidas universais. A universalidade de suas ideias é um dos principais pontos a serem pensados por nós.

O conceito de ciência de Freud é ambivalente. Por um lado, Freud é um cientista clássico que resistiu a introduzir a filosofia de uma forma decidida, embora, obviamente, tenha um diálogo implícito com Schopenhauer (1788-1860), Kant (1724-1804) e Nietzsche (1844-1900). Como neurologista, elaborou um esquema neurológico para explicar o psiquismo. Freud busca superar o dualismo cartesiano e platônico, o dualismo de corpo e alma, dando uma interpretação material ao psiquismo. Ele tinha um pensamento mais associado ao de um naturalista, no sentido de ser um sujeito que busca as explicações por meio das coisas vistas sob o prisma dos fenômenos naturais, sujeitas, portanto, às regras mecânicas. O projeto freudiano procura uma matriz universal que dê conta do psiquismo humano por meio de categorias e conceitos. Por outro lado, Freud se coloca como um cientista antidogmático. Apresentará uma

diferença em relação aos pensadores, filósofos da época, ao olhar o desejo inconsciente, enquanto os demais pensadores abordavam as questões na sua dimensão da consciência. Ele construiu e reconstruiu seu pensamento a partir do teste do erro, do falibilismo, da ideia de tentativa e erro, refinando suas hipóteses. Isso podemos observar na quantidade de notas de rodapé de seus artigos.

Ao mesmo tempo que Freud tinha afinidade com o cientificismo, como vimos, também mantinha uma distância, na medida em que o próprio cientificismo tende a se dogmatizar em certas formulações. Algumas psicologias acabaram sendo contidas dentro do dogma de que é preciso haver a verificação experimental, sob pena de não serem consideradas ciência. Freud se deixou levar pelo objeto: o psiquismo, a mente, o mundo interno ou a subjetividade, conforme nossas teorias psicanalistas se referem, cada uma com sua categoria, ao desejo inconsciente. “É esse sujeito do conhecimento que a psicanálise vai desqualificar como sendo o referencial privilegiado a partir do qual a verdade aparece . . . o cogito não é o lugar da verdade do sujeito, mas o lugar do seu desconhecimento” (Garcia-Roza, 1984/2000, p. 23).

Nesse sentido, Freud é um herege dentro da filosofia. Ao mesmo tempo muito clássico e muito herético. É muito clássico ao buscar uma explicação científica universalista e muito herético ao inverter a maioria dos pressupostos platônicos nos quais a filosofia é baseada, privilegiando o inconsciente sobre a consciência. Ele desmontou o privilégio da razão em relação ao desejo, o privilégio da alma em relação ao corpo, ou seja, todos esses componentes hierárquicos platônicos. Com isso, Freud produziu algo muito semelhante ao que Nietzsche propôs, uma transvaloração, uma inversão da ordem platônico-cristã que colocava o desejo e o corpo como pecaminosos. Assim, todos esses aspectos, incluindo a sexualidade, ficavam subordinados a uma lógica que foi subvertida por Freud. Daí vale talvez pensar que a terceira ferida narcísica foi uma ferida na filosofia moderna. Se a primeira foi uma ferida astronômica e a segunda uma ferida biológica, a terceira talvez tenha sido uma ferida filosófica, no sentido de desbancar a consciência como elemento decisivo do pensamento.

Na psicanálise, além de o desejo entrar em primeiro plano, o indivíduo não tem controle de suas ações. Sim, buscamos maximizar a utilidade do que fazemos. A base das nossas ciências ainda é construída a partir da ideia de consciência. A pessoa faz aquilo que é útil para si mesma. E isso se estiver no comando. O desejo não é controlável. Eventualmente, controlamos o que fazemos, mas não o que desejamos. Freud mostra aí algo ingovernável para a filosofia moderna, associando essa dimensão sexual na medida em que o corpo e o desejo entram em primeiro plano. Necessariamente a sexualidade vai ganhar outra dimensão.

A terceira onda feminista, conhecida como teoria queer, ainda segundo Pombo (2021), vai surgir a partir dos anos 1980 e 1990, quando ativistas e pensadores feministas começam a criticar a maneira como o feminismo estava até então se organizando. Era um movimento elitizado, branco, heterossexual e de classe média. Houve uma explosão de movimentos feministas com projetos voltados para pensar em minorias que ainda

não haviam sido contempladas pelo movimento como um todo: mulheres negras, indígenas, latinas, prostitutas, deficientes, imigrantes, entre outros coletivos femininos que não se sentiam representados pelos movimentos anteriores. Foi nessa terceira onda feminista que surgiu o termo “interseccionalidade”, utilizado principalmente pelo movimento negro e introduzido nesse debate pelas feministas negras. Essa ideia refere-se às opressões interligadas e oferece uma ótica interseccional que considera as diversas formas de opressão, envolvendo questões de raça, classe social e gênero.

A filósofa Judith Butler publicou *Problemas de gênero* em 1990, marco da inauguração da teoria queer. O livro provocou muito tumulto: Butler questiona a categoria universal de mulher dentro da matriz da heterossexualidade. Outro ponto distintivo do movimento é a crítica das categorias identitárias, que tendem a excluir sempre algum grupo. A proposta da teoria queer é a inexistência de uma identidade fixa, como a mulher, defendendo uma condição de diferenciações. A teoria propõe que se pensem as identificações segundo a “condição queer”, possibilitando assim maior abertura à fluidez, às mudanças e às transformações.

O “queer” é essencialmente uma versão de Judith Butler da diferença, inspirada nos filósofos Gilles Deleuze (1925-1995) e Jacques Derrida (1930-2004), defendendo a variação como aquilo que antecede a identidade. Toda identidade é resultado de uma variação. Cada vez que alguém se define como isso ou aquilo, de certa forma está limitando uma variação que continua a ocorrer. A variação está na origem, e não na identidade. Qual é a relevância de colocar a diferença antes da identidade? A formação de critérios normativos que hierarquizaram pessoas com base em gênero, sexo, raça e outros depende da realização de um normal que, em certo momento, é desviado. A partir desses desvios, dessa originalidade, segundo esses autores, surge o poder da biopolítica de normalização ou extermínio. Os mecanismos biológicos como higiene, alimentação, natalidade, longevidade e sexualidade passam a fazer parte das estratégias políticas cujo objetivo é controlar toda a dinâmica da população: seu corpo, sua saúde, suas ideias, sua subjetividade, a vida dos sujeitos que precisam, de alguma forma, se enquadrar na norma.

Judith Butler (1990/2023) se contrapõe à suposição de um binarismo natural do sexo sobre o qual o gênero cultural atuaria. Critica a dicotomia entre sexo, tido como um atributo necessário e imutável que qualifica o humano, e gênero, adquirido e construído. A separação entre sexo e gênero reatualiza a distinção radical entre natureza e cultura que Butler pretende desconstruir. Todas essas categorizações são uma construção social. Não há distinção entre sexo e gênero. Da frase de Simone Beauvoir “não se nasce mulher, torna-se mulher”, a palavra “mulher” é retirada por Butler, ficando apenas: “não se nasce, torna-se”.

Para ajudar a pensar essa afirmação de Butler e a sexualidade em nosso século XXI, dentro desse novo paradigma, apresento, a seguir, dois casos que se tornaram públicos:

O primeiro caso ocorreu no Brasil e o segundo na França. O primeiro, no início dos anos 2000. O segundo, mais recentemente, em 2019. O primeiro é sobre Laerte

Coutinho, cartunista brasileira, nascida em 1951, atualmente com 72 anos. O segundo é sobre o filósofo Paul Beatriz Preciado, atualmente com 53 anos.

Laerte, que nasceu com um corpo nomeado de homem, em certo momento de sua vida decide “fazer coisas que até então nunca tinha feito”: experimentar o *devenir de ser mulher*. Beatriz, que nasceu num corpo categorizado como feminino, faz o movimento de experimentação masculina. A Laerte mantém o nome Laerte Coutinho, apenas acrescentando o artigo “a” para se referir a si. Beatriz, além de manter Beatriz, acrescenta o nome Paul, tornando-se Paul Beatriz Preciado. Dois casos singulares que se tornaram públicos e contrariam a frase “a anatomia é o destino”. Contrariam essa ideia de pensarmos que o corpo biológico nascido e socialmente definido ontem determinará o gênero e o sentido da vida de hoje.

Em uma entrevista concedida à *Folha de S. Paulo* (Finotti, 2010), Laerte nos conta como iniciou sua transição em 2004, primeiramente nas suas tirinhas da “Ilustrada”, quando “Hugo transiciona para Muriel”. Mas o que mais chama minha atenção são as perguntas do jornalista. Hoje, em 2024, é chocante ver como a visão estava alicerçada na epistemologia da diferença entre dois sexos. O jornalista diz:

Diversas possibilidades para a mudança do seu estilo de vida passam pela cabeça. A primeira delas é que você pirou, um processo que teria começado em 2005, com a morte de seu filho num acidente de carro, passou pelas tiras da Ilustrada, cada vez mais estranhas, e agora isso [o uso da vestimenta de mulheres]. Você está louco, Laerte? . . . Uma segunda possibilidade é que você se veste porque isso dá tesão. . . . Mas você é bissexual, certo? . . . Você está fazendo isso para espantar o tédio? . . . As pessoas aparentam normalidade e tentam não demonstrar um espanto [quando encontram com você], certo? . . . Você dá pistas de que vai estar travestido quando vai encontrar uma pessoa que ainda não sabe? . . . Mas você pode ir de homem? . . . Você pode ir sem maquiagem? . . . Como foi o Natal em família? Com vestido? . . . Avisou de alguma forma para se prepararem?

Laerte, entre tantas respostas, diz:

Eu não me sinto fora do eixo, fora do tom, fora de nada . . . não é um fetiche sexual . . . não faço isso porque a vida está sem graça . . . “Ah, está vestido de mulher, então é viado.” “Jogou bola, é macho.” E eu, que gostava de costurar e de jogar bola?

Cito também o documentário *Laerte-se* (2017), de Lygia Barbosa da Silva e Eliane Brum, quando Laerte diz: “estou fazendo uma investigação da mulher que eu posso ser”.

O segundo acontecimento é com Paul Beatriz Preciado, quando foi convidado a falar no evento Journées 49 de l’École de la Cause Freudienne “Femmes en psychanalyse” (Jornada 49 da Escola da Causa Freudiana “Mulheres na psicanálise”, em tradução livre) em 2019. Preciado se destacara com seu livro de estreia *Manifesto contrassexual* (2000/2015), inspirado nas teses de Judith Butler (1990/2023), Michel Foucault (1976/2020) e Donna Haraway (1988/2009), no qual explora os modos de

subjetivação e identidade, além da construção social e política do sexo. Trata-se de uma referência importante da teoria queer.

No evento com psicanalistas, um tumulto aconteceu quando Preciado (2022) perguntou se havia na plateia algum psicanalista homossexual, transexual ou de gênero não binário presente. Foi então que ele pediu que “as instituições psicanalíticas assumissem a sua responsabilidade pela atual epistemologia sexual e de gênero” (p. 9). Esse foi o recado para nós, psicanalistas de nosso tempo. Do tempo de preciados e laertes.

Sua palavra foi cerceada! Muitos riram, outros gritaram pedindo que saísse, e alguém até o acusou de ser o “novo Hitler”! Os organizadores do evento lembraram que seu tempo de uso da palavra havia acabado (!), e por isso Preciado só pôde ler um quarto do discurso que havia preparado. Sua fala *tumultuou* o evento. A comporta institucional conteve a turbulência provocada por Preciado. “Meu discurso causou um terremoto” (Preciado, 2022, p. 9), disse ele em *Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas*, publicado no Brasil pela editora Zahar em 2022.

Nesse texto Paul Beatriz Preciado apresenta seu corpo, marcado pelo discurso biopolítico como “transexual”, caracterizado na maioria dos seus diagnósticos psicanalíticos como sujeito de uma “metamorfose impossível”, situando-se, segundo a maioria das teorias psicanalíticas, além da neurose, à beira da ou mesmo na psicose, incapaz de resolver corretamente um complexo de Édipo, ou tendo sucumbido à inveja do pênis. Ele diz ainda: “eu sou o monstro que se levanta do divã e fala, não como um paciente, mas como um cidadão, como seu monstruoso igual” (Preciado, 2022, p. 14). Preciado dirigiu-se aos psicanalistas naquele encontro como corpo trans, como corpo não binário, a quem nem a medicina, nem o direito, nem a psicanálise, nem a psiquiatria reconheciam o direito de falar com conhecimento especializado sobre a sua própria condição, nem a possibilidade de produzir um discurso ou uma forma de conhecimento sobre ele mesmo.

A psicanálise, que se dedica à escuta da palavra, naquele evento, agiu conforme expresso pelo psicanalista Octave Mannoni (1973) como “eu sei, mas mesmo assim...” (p. 9) ao abordar o tema das crenças, numa ambígua posição. O autor tenta explicar como alguém acredita ou não em algo, e como uma crença pode ser sustentada pelo mecanismo conhecido como recusa, fenômeno descrito por Freud ao pensar sobre o fetichismo que seria produzido por uma *Verleugnung* (negação) da castração, quando o fetichista tenta evitar as consequências de sua percepção da ausência do pênis na mãe: ele reconhece a ausência, mas ao mesmo tempo sustenta a crença de sua existência. Isso ocorre pela recusa da realidade, que causa uma cisão no Eu. O fetichista acredita e desacredita simultaneamente, mantendo uma crença mesmo após de ter um conhecimento que a invalida. Essa atitude é característica da recusa, um comportamento arrogante comum diante de tantos acontecimentos na nossa psicopatologia da vida cotidiana, da qual os psicanalistas no referido evento não escaparam, mesmo sabendo o que escutaram.

Para aqueles que ainda não conhecem o discurso de Preciado, sugiro a leitura: são quase 90 páginas que todo psicanalista deveria ler, além de tentar se imaginar ali

sentado na referida plateia. Convido-os a se questionarem agora: qual seria minha reação diante da escuta que denuncia a violência epistemológica da diferença sexual em dois sexos? O que eu diria? O que eu faria? O que vocês pensam sobre o que eu trouxe à discussão? O que discutimos quando falamos de sexualidade? O que Laerte e Preciado denunciam sobre a violência epistemológica da diferença sexual?

De fato, durante muitos anos vivemos sem grandes tumultos com as nossas teorias psicanalíticas, antes de laertes e preciados denunciarem a insuficiência da epistemologia da diferença sexual, na qual a psicanálise está alicerçada, para a compreensão da sexualidade.

Freud foi genial ao introduzir a sexualidade no debate filosófico, reprimida pelo platonismo, cristianismo e toda herança filosófica que separava a alma do corpo e colocava o corpo como um subalterno animal. Mas é preciso situar a fala de Freud em certo contexto histórico, antropológico e social específico, que se revela, em alguns momentos, insuficiente para compreender a diferença sexual.

O paradigma freudiano tratava da diferença entre os sexos, mas limitava-se à diferença entre homem e mulher. O falocentrismo na psicanálise se intensificou, generalizando e universalizando subjetividades. Algumas críticas, inclusive, apontam para o olhar exclusivamente masculino para a diferença anatômica entre os sexos, o que produz condições associadas ao pênis como presença e à sua ausência como falta. Podemos pensar nisso não como um erro, mas como um limite de Freud, próprio de sua época. Ou seja, o que Freud disse não é falso, mas tem limitações que estão sendo superadas por outros pensadores.

A ortodoxia trata as coisas em termos de erro e acerto. Podemos ver Freud hoje como limitado quando reconhecemos que existem outras formas de desenvolvimento da sexualidade. Ou seja, há sexos além do homem e da mulher, gêneros além do masculino e feminino, e formas de sexualidade que não são apenas heterossexuais; tudo isso tem inúmeras variações. Estou aqui trazendo questões que vivenciamos na escuta com nossos pacientes e que não estavam presentes na época de Freud. As fobias dos pequeno Hans pensadas por Freud hoje se apresentam situadas em novos contornos. Existem debates sérios sobre as questões relacionadas ao Édipo, como Deleuze e Guattari (1972/2011) bem exploraram em *O anti-Édipo*, e é insuficiente reagir, como psicanalistas, dizendo que a clínica difere do que afirma a filosofia, pois as coisas já não ocorrem assim. O que escutamos na clínica atual encontra respaldo na filosofia de muitos filósofos contemporâneos, como os mencionados até agora. Vale lembrar também que os mitos de Édipo são variados. Freud escolheu a tragédia de Sófocles para melhor ilustrar o desejo do menino de eliminar o pai para manter sua ligação com a mãe. Essa dinâmica é igual para todas as culturas?

O conservadorismo da ortodoxia consiste exatamente em não permitir que o pensamento freudiano continue sendo desenvolvido e levado adiante. É isso que limita essa psicanálise ortodoxa: congelar e petrificar o pensamento freudiano em uma fórmula que estava situada em determinado tempo e espaço. Isso não se aplica

apenas aos freudianos, mas também aos marxistas, aos cristãos e a todo tipo de ortodoxia. Todos padeceriam de uma arrogância epistemológica?

Penso que é nesse sentido que precisamos avançar: pensar o freudismo pós-desconstrução. O que seria isso? Um freudismo imune à desconstrução? Penso, como muitos outros psicanalistas, que a psicanálise não parece ser imune à desconstrução. Quem promoveu essa desconstrução? O movimento feminista, o movimento queer! E o que a desconstrução faz? Não se trata de negar a diferença entre os sexos. Pelo contrário, trata-se de proliferar em mais e mais diferenças. Não estão dizendo que todos os sexos, todos os gêneros e todas as sexualidades são iguais. O que se está dizendo é que são múltiplos, não se resumem a apenas dois. Em vez de um versus dois, vemos muitos.

E, nisso, todo o feminismo e o movimento queer são determinantes, porque são movimentos que implicam a desnaturalização dos papéis de gênero e das sexualidades. Para esses autores a psicanálise não deve reificar esses papéis, não deve tratá-los como se fossem naturais. A filosofia queer, por sua vez, é uma forma de desconstrução ativa da psicanálise. Ela parte de uma psicanálise desconstruída, no sentido de questionar o que estava sedimentado, tornando variável o que a desconstrução, proposta por Jacques Derrida e inspirada no mecanismo do recalque freudiano, revela como pensamentos que devem ser desconstruídos para expor o que foi excluído de seu campo de conhecimento.

Mas, afinal, o que é o sexual em Freud? O que é a pulsão sexual? De vida? De morte? Sexual e de morte? Como os dualismos de nossas teorias têm sido tensionados pelas forças que rompem as comportas da cultura? Será necessário desconstruir algo do paradigma dualista para recepcionar a sexualidade na contemporaneidade? Essas perguntas foram feitas pela curadoria do *Observatório Psicanalítico*, da Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi), à psicanalista Ana Paula Terra Machado (da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre) e ao filósofo Moysés Pinto Neto, na abertura do episódio “Dualismos e desconstruções: a psicanálise contemporânea frente ao sexual” (Mori, 2023), o primeiro da quarta temporada “O sexual na *polis*”, do podcast *Mirante*.

Como nos disse Moysés Pinto Neto na ocasião, a desconstrução consiste em questionar o que está sedimentado, petrificado, ossificado, reificado – ou seja, aquilo que está rígido e fixo – e trazer fluidez a isso. Consiste em mostrar que essas estruturas são formadas por uma série de acontecimentos que convergiram para sua formação. A desconstrução retorna as coisas à diferença, revelando a diversidade intrínseca nelas mesmas. O feminismo e o pensamento queer, por sua vez, destacam a diferença como primordial.

Ana Paula Terra Machado, ao reafirmar que o sujeito freudiano é um sujeito do inconsciente, nos lembra que o inconsciente não foi uma invenção freudiana, mas é de Freud a descrição do inconsciente como um conceito dinâmico. “Seu desafio foi pensar como esse inconsciente se organiza, se forma, que tipo de inscrição ocorre, como as experiências vividas desde o nascimento vão se inscrevendo psiquicamente e como acessá-las. Essa é a sua ontogênese” (pensada ainda por Freud no seu texto

“Projeto para uma psicologia científica” (1895/2006)).

As experiências e as vivências que acumulamos ao longo da vida são registradas e posteriormente galgam a posição de representação. Algo permanece apenas como traço, como rastro, e essas inscrições permanecem ali. Periodicamente, elas sofrem rearranjos. O que marca esses “trilhamentos”, os percursos psíquicos, são as diferenças. E nos lembra de Freud na Carta 52 a Fliess: “nada do psíquico é permanente”. O arranjo psíquico, toda a montagem da nossa subjetividade, sofre alterações e rearranjos ao longo da vida. Todo o arranjo psíquico é temporário, transitório. A fixidez psíquica é o traumático. Diante de uma situação psíquica, a pessoa muitas vezes se vê obrigada a realizar um novo rearranjo psíquico. (Machado, participação em Mori, 2023)

E ela conclui nos lembrando que “é por isso que nós psicanalistas podemos trabalhar, pois não há fixidez psíquica”.

Não há fixidez psíquica no psiquismo do analisando nem no do analista, que precisa estar disponível para escutar a diferença. E, a partir dela, fazer a psicanálise trabalhar, saindo de eventuais posturas de um modo hostil de fazer ciência que aprendemos como absolutas e universais, mas que hoje, em nosso tempo, pedem para ser formuladas em “saberes localizados” e “perspectivas parciais”, conforme defende a importante teórica feminista e da ciência Donna Haraway (1988/2009). Para ela, é na política e na epistemologia das “perspectivas parciais dos subjugados” que está a possibilidade de realizar um pensar científico que “privilegie a contestação, a desconstrução, as conexões em rede e a esperança de um conhecimento coletivo transformador” (p. 24) para formar uma perspectiva mais justa do mundo.

Haraway (1988/2009) propõe pensar o conhecimento como parcial e corporal, uma nova ideia de objetividade que inclua a corporeidade e a parcialidade do cientista, também, por consequência, responsabilizando-o como sujeito da ciência na medida em que está implicado no ato de produzir ciência. Essa perspectiva epistemológica é coerente com a psicanálise brasileira implicada na escuta da “dimensão sociopolítica do sofrimento” (Rosa, 2016), sendo nossa disciplina pertencente aos saberes contemporâneos atentos aos sujeitos e coletivos vítimas de todo tipo de exclusão social, cuja diferença dos corpos se atualiza em diversas formas: no sexo, no gênero, na cor, na classe social a que pertencem. Para isso, é necessário deixar as janelas de nossos consultórios bem abertas para pensar a sexualidade contemporânea, permitindo que os acontecimentos de nossa época atravessem o *setting* analítico, e que nós, psicanalistas clínicos, possamos seguir pensando a partir dessas contribuições.

La sexualidad: de Freud a la contemporaneidad

Resumen: Freud ha incorporado la cuestión del desarrollo psicosexual en el debate filosófico que había sido reprimida por el platonismo, el cristianismo y

toda la herencia filosófica que separaba el alma del cuerpo y situaba al cuerpo como un subalterno animal. El paradigma epistemológico de la época trataba la diferencia entre los sexos universalizando las subjetividades a partir de la cuestión anatómica. Las críticas contemporáneas reconocen estas limitaciones y señalan la necesidad de entender la diversidad de géneros y sexualidades. Los movimientos feministas y la teoría Queer han desafiado a las normas establecidas, promoviendo una visión plural de sexualidades y géneros. Ellos destacan que el psicoanálisis no debe realizar la reificación de los papeles de género, sino reconocerlos como siendo variables y múltiples. En este aspecto, es esencial que se avance y se piense el freudismo post- desconstrucción. Es esencial la desconstrucción para cuestionar las estructuras rígidas y revelar la diversidad; al fin y al cabo, la diferencia es lo originario. Para Freud nada de lo psíquico tiene un carácter permanente. Toda articulación psíquica es temporaria y transitoria. Para comprender lo sexual contemporáneo es necesario abrir las ventanas de nuestros consultorios para que los acontecimientos del mundo puedan atravesar al par analista-analizante, evitando muros que bloqueen el flujo de los saberes localizados y de las perspectivas parciales, y nos retiren así de las actitudes pautadas en la arrogancia epistemológica.

Palabras clave: sexualidad, Freud, feminismo, desconstrucción, saberes localizados

Sexuality: from Freud to contemporary times

Abstract: Freud introduced psychosexuality into the philosophical debate, repressed by Platonism, Christianity, and every philosophical heritage that separated the soul from the body and saw the body as a subordinate animal. The epistemological paradigm of his time dealt with the difference between two sexes, universalizing subjectivities based on anatomy. Contemporary critiques recognize these limitations and highlight the need to understand the diversity of genders and sexualities. Feminist movements and queer theory have challenged established norms, promoting a plural view of sexualities and genders. They emphasize that psychoanalysis should not reinforce gender roles, but recognize them as variable and multiple. In this regard, it is essential to advance and consider post-deconstruction Freudianism. Deconstruction is crucial for questioning rigid structures and revealing diversity, as difference is the primary condition. For Freud, nothing psychic is permanent. The entire psychic arrangement is temporary, transient. To understand contemporary sexuality, it is necessary to open the windows of our consulting rooms so that the events of the world permeate the analyst-analysand dyad, avoiding walls that block the flow of localized knowledge and partial perspectives and prevent us from adopting attitudes based on epistemological arrogance.

Keywords: sexuality, Freud, feminism, deconstruction, localized knowledge

Referências

- Butler, J. (2023). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (22a ed.). Civilização Brasileira. (Trabalho original publicado em 1990)
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2011). *O anti-Édipo*. Editora 34. (Trabalho original publicado em 1972)
- Finotti, I. (2010, 4 de novembro). Cartunista Laerte diz que sempre teve vontade de se vestir de mulher. *Folha de S. Paulo*. <https://bit.ly/3LrJfLn>
- Foucault, M. (2020). *História da sexualidade: 1. A vontade de saber*. Paz e Terra. (Trabalho original publicado em 1976)
- Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 7. Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)* (pp. 119-231). Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (2005). Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895]). In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 1. Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1889)* (pp. 335-413). (Trabalho original publicado em 1895)
- Freud, S. (2011). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In *Obras completas: Vol. 16. O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos (1923-1925)* (pp. 283-299). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925)
- Garcia-Roza, L. A. (2000). *Freud e o inconsciente* (17a ed.). Zahar. (Trabalho original publicado em 1984)
- Haraway, D. (2009). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, (5), 7-41. <https://bit.ly/4d0ODkh> (Trabalho original publicado em 1988)
- Laqueur, T. (2001). *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Relume Dumará. (Trabalho original publicado em 1990)
- Mannoni, O. (1973). *Chaves para o imaginário*. Vozes.
- Mori, M. E. (Apresentadora). (2023, 7 de julho). Dualismos e desconstruções: a psicanálise contemporânea frente ao sexual (Temporada 4) [Episódio de podcast em áudio]. In *Mirante*. Febrapsi. <https://bit.ly/4eVX6XN>
- Pombo, M. (2021). *A diferença sexual em mutação: subversões queer e psicanalíticas*. Calligraphie Editora.
- Preciado, P. B. (2015). *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. n-1 edições. (Trabalho original publicado em 2000)
- Preciado, P. B. (2022). *Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas*. Zahar.
- Rosa, M. D. (2016). *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. Escuta.
- Silva, L. B., & Brum, E. (Diretoras). (2017). *Laerte-se* [Filme documentário]. Tru3Lab.

Maria Elizabeth Mori

Endereço: SHIN QL 1, conjunto 2, casa 15, Lago Norte. Brasília/DF.

CEP: 71505-025

Tel.: (61) 98179-2076

E-mail: beth.mori@gmail.com